

# **A CURA DO PARALÍTICO DE BETESDA:**

## **Superação e experiência de uma nova vida**

*Rogério Goldoni Silveira\**

### **Resumo**

*Esta pesquisa expõe a partir do relato da cura do paralítico de Betesda (Jo 5,1-15) a ideia da superação de uma situação desoladora em que este doente vivia. João apresenta a esperança que o doente tinha de ser curado de sua enfermidade: deveria mergulhar na piscina logo que o Anjo se banhasse, mas esta espera durava trinta e oito anos (Jo 5,5). A análise dos símbolos teológicos presentes no texto e o estudo de alguns termos de Jo 5,1-15 na língua grega resultam na compreensão da incapacidade da Lei em fazer com que o paralítico, símbolo de todos os doentes que estavam nos arredores da piscina (Jo 5,3), tomasse novo sentido em sua vida. Depois de se visualizar a situação concreta deste doente, compreender-se-á que a superação de seu estado crítico se dá mediante a Palavra de Jesus, “levanta-te!”, pois Cristo é o Verbo, o lógos do Pai, que pode restituir a vida; pela tomada de consciência da sua falsa esperança, já que a luta travada nos arredores da piscina era desleal; no abandono do sistema religioso que excluía e apresentava Deus afastado do povo; e pela solidariedade comunitária.*

**Palavras-chave:** *Superação. Palavra. Lei. Esperança. Solidariedade.*

### **Abstract**

*This research exposes from the healing of the paralytic at Bethesda (John 5.1 to 15) the idea of overcoming a dismal situation in which this patient lived. John presents the hope that the patient had to be cured of his illness: he should dive into the pool right after the angel's bath, but this wait lasted thirty-eight years (John 5.5). The analysis of theological symbols in the text and the study of some terms of Jo from 5,1 to 15 in the Greek language, results in understanding the inability of the law to make the paralytic, symbol of all patients who were around the pool (John 5.3), to get a new signification in his life. After consider the actual situation of this patient, it's possible to understand*

\* Pós-graduado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

*that overcoming its critical state occurs through the Word of Jesus, “Arise!” Because Christ is the Word, the Logos of the Father, which can restore life, by becoming aware about his false hope – since the struggle around the pool was unfair – the abandonment of the religious system that had excluded God away from the people, and through community solidarity.*

**Keywords:** *Overcoming. Word. Hope. Law. Solidarity.*

## **Introdução**

O objetivo desse estudo é analisar o relato da cura do paralítico de Betesda (Jo 5,1-15) sob o ponto de vista da superação, já que este doente estava em uma situação crítica de vida que, após o encontro com Jesus, é transformada.

Primeiramente será apresentada a situação do doente que foi curado por Jesus Cristo. A partir dos dados históricos e da leitura atenta de Jo 5,1-15, será possível visualizar como as pessoas que possuíam alguma deformação (coxa, paralítica...) eram vistas pela Lei e, concomitantemente, pelas autoridades judaicas no tempo de Jesus.

Depois disso, serão analisados detalhes pertinentes do texto da cura do paralítico que denunciam a produção de um paradigma religioso que afastava Deus da realidade das pessoas, principalmente as que eram menos favorecidas pela Lei. Em seguida, a atenção será dirigida à pessoa do doente de Betesda, para que se compreenda melhor a situação desoladora em que este homem vivia, como foi possível superá-la e o que provocou esta mudança.

### **1. Delimitação do texto de Jo 5,1-15**

A estrutura mais aceita do Evangelho de João, não obstante divergências de alguns exegetas<sup>1</sup>, apresenta dois grandes momentos: o primeiro, comumente chamado de livro dos sinais, que inicia-se em 1,19 e se estende até 12,50, e o segundo, denominado o livro da glória – ou o Grande Sinal, que compreende o bloco do capítulo 13,1 até o 20,31<sup>2</sup>.

No conjunto do livro dos sinais encontra-se a cura de um paralítico (Jo 5,1-9), que esperava, na piscina de Betesda, o fim de seu sofrimento, e que depositava sua esperança na água que era agitada por um Anjo. A partir deste relato bíblico será analisado como aconteceu a transformação na vida deste doente.

1. DODD, C.H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 385-387.

2. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 16-17; BROWN, R.E. *El evangelio según Juan*. Madrid: Cristiandad, 1979. V. 1, p. 160.

No início do texto (Jo 5,1-3) o evangelista localiza geograficamente o fato, e apresenta a situação das pessoas (excluídas) nos arredores da piscina de Betesda: elas estavam deitadas pelo chão, e eram numerosas (Jo 5,3). Em seguida, apresenta uma possibilidade de cura aos doentes que ali estavam: acreditava-se que a cura acontecia quando o anjo do Senhor descia e agitava a água. O doente que entrasse na água ficaria curado.

A partir de Jo 5,5 percebe-se que o autor foca a figura de uma daquelas pessoas que estavam sob os pórticos de Betesda: um homem, doente há trinta e oito anos. Deste momento em diante, a cena é centralizada em Jesus e no doente, que aparece pela última vez em Jo 5,15, quando informou aos judeus que Jesus era o autor de sua cura. Deste modo, justifica-se a escolha de Jo 5,1-15, uma divisão não usual, mas que acentua a ação de Jesus e a pessoa do doente de Betesda.

A partir desses pressupostos, segue uma proposta de divisão do texto:

5,1-3: Circunstância e localização

5,4: possibilidade de cura

5,5-15: Jesus e o doente

5,5-9: a cura do doente

5,9b-13: a Lei como obstáculo à liberdade

5,14: novo encontro de Jesus com o curado

5,15: o curado informa aos judeus sobre quem o curou e sai de cena

## 2. Análise e interpretação do texto

### 2.1 A situação do doente de Betesda

Joachim Jeremias, em sua obra *Jerusalém no tempo de Jesus*, explana a situação em que viviam os pobres da época de Jesus. Jerusalém era marcada pela mendicância, que cercava os lugares santos. Os mendigos ficavam ao longo dos caminhos esperando uma esmola, já que o fluxo de pessoas era elevado por causa da importância religiosa desta cidade na religião judaica. Inclusive havia pessoas que simulavam uma situação de doença, e viviam das esmolas recebidas<sup>3</sup>.

Deste modo, é possível admitir que o paralítico de Betesda seja mais um mendigo, que, depois de ter pedido uma esmola para Jesus, teve um diálogo profundo e foi agraciado pela cura de sua paralisia<sup>4</sup>.

3. JEREMIAS, J. *Jerusalém do tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 166-167.

4. JEREMIAS, *Jerusalém do tempo de Jesus*, p. 168.

Costuma-se chamar este enfermo de parálítico. Entretanto, “paralítico” é apenas uma dedução a partir da ordem dada por Jesus: “toma teu leito e anda” (Jo 5,8). O termo grego usado para se referir ao enfermo não é *paralytikós* (paralítico), mas *asthenon* (doente). Ele estava trinta e oito anos na sua doença (*asthénia*) (Jo 5,5).

“Toma teu leito e anda!”, disse Jesus para o homem doente. O exegeta francês Xavier Léon-Dufour afirma que o termo andar “é uma metáfora frequente usada para exprimir a maneira como um fiel conduz sua vida”<sup>5</sup>. Porém sempre há um complemento: andar de dia (Jo 11,9), de noite (Jo 11,10), nos estatutos de Deus (Ez 18,17). Porém, em Jo 5,8 Jesus somente manda o homem tomar o leito e andar, pôr-se a caminho, e não especifica o modo como deve caminhar<sup>6</sup>. Deste modo, se conclui que o doente seja um parálítico, pois o contrário de pôr-se a caminho é estar impossibilitado de mover-se, paralisado, inválido.

O parálítico de Betesda representa todos aqueles que estavam deitados sob os pórticos da piscina (Jo 5,3). Ele é a figura daqueles que estão privados de liberdade para a ação, que não podem participar do convívio social e não têm possibilidade de se alegrar com a festa (Jo 5,1).

O sistema excludente aparecia também na legislação do culto. A Lei, no livro do Levítico (Lv 21,17-19), não admitia que uma pessoa com alguma deformação (paralítica ou, de modo geral, coxa) pudesse ser sacerdote:

Nenhum dos teus descendentes, em qualquer geração, se aproximará para oferecer pão de seu Deus, se tiver algum defeito. Pois nenhum homem deve se aproximar, caso tenha algum defeito, quer seja cego, coxo, desfigurado ou deformado, homem que tenha o pé ou o braço fraturado (Lv 21,17-19).

Também o segundo livro de Samuel (2Sm 5,8) alude à lei que proíbe a participação de uma pessoa cega ou aleijada no Templo. Juan Mateos, em seu comentário bíblico<sup>7</sup>, cita um texto encontrado nas cavernas de Qumran (na margem noroeste do Mar Morto) que também tem esta perspectiva excludente. O texto proíbe a uma pessoa deformada por algum defeito físico participar da assembleia. Estas pessoas não poderiam ter contato com a perfeição dos anjos, que assistiam as assembleias.

Algumas passagens do evangelho de João deixam o rastro de um certo combate à improdutividade da Lei na vida do povo de Deus. O texto das bodas de Caná descreve as talhas de pedra, que eram destinadas para a purificação (Jo 2,6): estavam vazias e parecem ser inamovíveis, uma vez que poderiam conter de oitenta a noventa litros. Eram de pedra, o que lembrava as tábuas da Lei mosaica. Eram seis talhas, o que indica, por contraposição ao número sete (número da totalidade), a imperfeição.

5. LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 20.

6. LÉON-DUFOUR, *Leitura do evangelho segundo João*, p. 21.

7. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 246.

O encarregado da festa (Jo 2,8) é a figura dos fariseus e escribas, estudiosos da Torá. Eles não entenderam que Jesus era o Messias esperado, ou seja, o vinho novo que faltava na festa.

Nesse contexto, outra figura do evangelho de João é sugestiva: Nicodemos, que procura Jesus à noite. Ele, como fariseu, certamente procurou seguir as leis, mas parecia estar num momento de escuridão (Jo 3,2). Por isso ele vai procurar Jesus, desejoso de integrar-se no seu grupo.

O paralítico de Betesda encarna, então, a figura daqueles que não eram favorecidos pela Lei e pelas autoridades judaicas. Os líderes judaicos apresentavam a imagem de um Deus excludente, separado do povo em geral e benévolo em privilégios a apenas um pequeno grupo social.

## 2.2 Uma festa dos judeus e a piscina de Betesda

Em Jo 5,1 o evangelista relata a subida de Jesus para Jerusalém por ocasião de uma festa dos judeus. A pergunta que sobrevém é que festa seria esta, e qual sua importância no contexto da cura do paralítico de Betesda.

João sempre distingue as festas em que Jesus está presente, o que revela uma importância dada a estas. É assim em 2,3 e 6,4 (festa da Páscoa), 7,2 (festa das Tendões), e 10,22 (festa da Dedicção)<sup>8</sup>. Entretanto, o evangelista parece não dar destaque àquela descrita em Jo 5,1, chamada por ele como “uma festa dos judeus”. Além disso, se observou uma imprecisão geográfica por parte do quarto evangelista, pois o autor afirma que “Jesus passou para a outra margem do mar da Galileia” (Jo 6,1). Mas, se Jesus estava em Jerusalém, como teria passado ao outro lado do mar da Galileia? O texto fala em transposição, não em viagem<sup>9</sup>.

Estes dados motivaram questionamentos dos estudiosos que buscaram coordenar os dados geográficos apresentados pelo evangelista, além de dirimir a dúvida: que festa seria a de Jo 5,1 e qual sua importância, já que João apenas a chama de “*uma* [grifo nosso] festa dos judeus”? Schelkle, afirma que seria a festa das Tendões<sup>10</sup>, descrita em Jo 7,2. Esse autor chega a tal conclusão depois de propor uma mudança na ordem dos textos<sup>11</sup>.

8. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 245.

9. SCHNACKENBURG, R. *El evangelio según San Juan*. Barcelona: Herder, 1980. V. II, p. 24-26; LÉON-DUFOUR, *Leitura do evangelho segundo João*, p. 32-35.

10. SCHELKLE, K.H. *Teologia do Novo Testamento: sua história literária e teológica*. São Paulo: Loyola, 1977. V. 1, p. 80.

11. Schelkle pergunta-se se não seria esta a ordem original: 4,1-54 (Jesus na Samaria e Galileia) – 6,1-71 (Jesus continuando na Galileia) – 5,1-47 com 7,15-24 (Jesus cura o doente em Jerusalém) – 7,1-9 (Jesus novamente na Galileia) – 7,10-14 com 7,25-53 (SCHELKLE, *Teologia do Novo Testamento*, p. 80).

Contudo, entre possíveis mudanças que avultam a exatidão geográfica e os que preferem manter a unidade do texto em vista da teologia do Evangelho<sup>12</sup>, importa compreender esta festa mais restrita a um grupo, e não a todo o povo. Provavelmente era uma festa para os dirigentes judaicos, e nesse ponto de vista se entende a expressão de João “uma festa dos judeus”, como uma qualificação de quem a vê do lado de fora. É como se fosse um limite imposto aos doentes, excluindo-os<sup>13</sup>.

A seguir, João remete seus leitores ao ambiente onde acontece a cura do enfermo: a piscina de Betesda (Jo 5,2). Betesda, no hebraico, quer dizer “casa da misericórdia”<sup>14</sup>. Entretanto a etimologia desta palavra é incerta, e há manuscritos antigos que trazem *Betsaida*, que poderia ser uma identificação com a aldeia de onde vieram os apóstolos André, Filipe e Pedro (Jo 1,44).

A piscina de Betesda é identificada com uma cisterna, onde foram encontrados os restos do que seriam cinco pórticos, e que estaria de acordo com o texto de João<sup>15</sup>. As cinco portas foram interpretadas pelos Santos Padres como os cinco livros da Lei (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). Entretanto esta ideia é descartada pela maioria dos estudiosos<sup>16</sup>.

Escavações feitas sob a Basílica de Santa Ana, em Jerusalém, revelaram um lugar com as características desta piscina: um tanque com quatro pórticos cobertos ao seu redor e outro, também coberto, no meio. Este lugar poderia ser o refúgio dos doentes que se abrigavam das chuvas e do sol.

Alguns comentários bíblicos falam de cinco corredores ao invés de pórticos. Segundo tais biblistas, nestes lugares acontecia o ensino da Lei, o que leva a crer que o evangelista João busca retratar a debilidade da Lei, que não produzia a vida para as pessoas, mas as oprimia<sup>17</sup>.

Estudos mostram que a piscina de Betesda pode se tratar de um santuário (situado ao norte do Templo) da época da dominação romana em Jerusalém, dedicado a Asclépios Seraphis, mito greco-romano da medicina e da cura. Os judeus celebravam nesta piscina o início das chuvas, e os romanos provavelmente substituíram pelo culto a Asclépios.

Junto da piscina surgem símbolos fortes, que parecem acentuar a grave situação pela qual passavam aqueles doentes. João diz que os inúmeros cegos, coxos

12. BROWN, *El evangelio según Juan*, p. 26-27.

13. BROWN, *El evangelio según Juan*, p. 26-27.

14. FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 327.

15. MCKENZIE, J.L. (Org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 120.

16. LÉON-DUFOUR, *Leitura do evangelho segundo João*, p. 23.

17. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 246.

e paráliticos<sup>18</sup> ficavam deitados pelo chão (Jo 5,3), próximos à Porta das Ovelhas. Sabe-se, conforme Neemias 3,1.32 e 12,39, que a Porta das Ovelhas era o lugar por onde eram encaminhadas as ovelhas para o sacrifício no Templo. Desse modo, todas estas pessoas doentes que se achavam deitadas sob os pórticos, estavam, como as próprias ovelhas, no caminho para o sacrifício.

### 2.3 A liberdade em Cristo e o obstáculo na Lei

O texto relata a presença de um homem enfermo há trinta e oito anos (cf. Jo 5,5). Este número também tem sua importância, e primeiramente deve ser relacionado com o número quarenta, uma vez que biblicamente quarenta é o tempo de um ciclo, de uma geração: o reinado de Davi durou quarenta anos (2Sm 5,4), quarenta anos também teve o reinado de Salomão (2Cr 9,30), e os quarenta anos do povo no deserto, que acarretou com o fim daquela geração (Nm 32,13).

Portanto, a indicação do tempo em que o homem estava enfermo pode ser um modo de dizer que a doença não era passageira, ou que era um caso desesperador<sup>19</sup>, bem como uma maneira de assegurar que ele estava quase que toda uma vida privado de liberdade. Estava prestes a morrer (sob a Lei), e não conhecia ainda a dignidade de viver<sup>20</sup>.

E, de fato, o parálitico, figura de todas as pessoas que não eram favorecidas pela Lei, só recupera a saúde no momento em que tem um encontro com Jesus Cristo e obedece à ordem dada por Ele: “Levanta-te, toma o teu leito e anda!”

Privado de liberdade de vida, o parálitico não participara da festa, era excluído pela própria Lei, e via aumentar a distância entre ele e Deus. Deus era apresentado como alguém que se limitava a dirigir-se a um pequeno grupo, os melhores, os puros, os sadios. Era esta a ideia que a Lei propiciava.

Porém, o doente encontra a liberdade em Jesus Cristo. E, curando-o, Jesus o leva a conscientizar-se de que aquela fonte que era a sua esperança de cura não pode restituir a felicidade completa, até porque a cura prometida na piscina também excluía, uma vez que os que poderiam alcançá-la eram os mais rápidos, os que tinham melhor assistência<sup>21</sup>.

A ação de Jesus desperta a ira das autoridades, pois teria transgredido a lei do sábado, entendido como dia dedicado ao Senhor, quando cessavam todas as atividades. Em Neemias encontra-se a proibição para o comércio no dia de sábado (Ne 13,15-22). Em Jeremias, se proíbe carregar qualquer peso neste dia (Jr 17,21-27).

18. O grego *xêroi* encontrado em muitas traduções como “paráliticos” é traduzido por Juan Mateos como “secos”, que recordaria a visão do profeta Ezequiel sobre os ossos secos (Ez 37,1-14), símbolo do povo, sem vida.

19. BROWN, *El evangelio según Juan*, p. 415.

20. MATEOS; BARRETO, *O Evangelho de São João*, p. 247.

21. FABRIS; MAGGIONI, *Os Evangelhos*, p. 328.

O Êxodo exorta o povo a observar o sábado como dia santo, e a pena para o transgressor era a morte (Ex 31,21). Nenhuma pessoa da família, nem escravos, estrangeiros hospedados na casa de um judeu e animais poderiam trabalhar neste dia (Ex 20,8-10). O sábado era abençoado e consagrado ao Senhor. Vale ressaltar que, no Livro do Êxodo, este dia santificado ao Senhor remete à criação, quando no sétimo dia Deus descansou (Ex 20,11; 31,17; Gn 2,2-3).

O Livro do Deuteronômio também apresenta a lei do sábado. Assim como no Êxodo, exorta o povo a observar o sábado juntamente com todas as pessoas da casa e os animais (Dt 5,12-14), mas difere do Êxodo quanto ao fundamento: enquanto o primeiro lembra do descanso de Deus (remete à criação), o Deuteronômio prescreve o sábado como memória da redenção do povo escravo no Egito (Dt 5,15).

As duas tradições acerca do sábado são de extrema relevância, pois esclarecem a ação de Jesus. Enquanto os judeus acusam Jesus de não observar o dia Santo do Senhor, há da parte de Jesus o cumprimento no mais puro sentido do sábado: Jesus vive o sábado como o dia da nova criação e da libertação.

É neste sentido que devem ser entendidos todos os milagres e curas que Jesus faz no sábado. A Lei não deveria ser um obstáculo à vida e privar a pessoa de superar alguma dificuldade, como no caso deste enfermo. Assim ficou claro que, diante da situação de opressão, falta de vida e liberdade, Jesus liberta o coxo, ou seja, revela o sentido pleno do sábado contido no livro do Deuteronômio.

Além disso, a cura que Jesus proporciona revela sua presença messiânica junto ao povo, uma presença que renova, transforma e traz a felicidade de viver em plenitude: naquele dia “se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. O coxo saltará como o cervo...” (Is 35,5-6).

### **3. A superação de uma situação desoladora**

Até agora foram apresentados aspectos muito pertinentes da cura do paralítico, que ajudam o leitor a inserir-se na realidade daquelas pessoas que estavam sob os pórticos da piscina. Entretanto, o foco é visualizar o processo de superação que aconteceu na vida daquele homem.

O enfermo de Betesda está desesperado, e não consegue externar nem mesmo o seu desejo de cura. À pergunta de Jesus “queres ficar curado?” (Jo 5,6), ele se limita a dizer “Senhor, não tenho quem me jogue na piscina...” (Jo 5,7). É óbvio que um longo tempo de espera por algo que não se concretiza deixa a pessoa num estacionado estado de infelicidade, sem esperança.

A diferença do relato da cura deste homem e outros personagens do evangelho de João é grande. Em Jo 4,46-54, por exemplo, é o funcionário real que vai ao encontro de Jesus e pede a cura para seu filho às portas da morte (4,47). Nicodemos também vai encontrar Jesus (Jo 3,2) à noite, e inicia o diálogo, que sugere o abandono à Lei e o início do discipulado. Em Jo 19,39 ele está junto a José de Arimateia cuidando do corpo de Jesus – uma ação que indica o discipulado.

O paralítico, ao contrário desses outros que procuraram Jesus, está imóvel, e sua única esperança é que a água seja agitada para ele entrar na piscina antes das outras pessoas, e ser curado. Além disso, precisaria de muita sorte, já que o Anjo se lavava “de vez em quando” (Jo 5,4) na piscina. Até parece que sua esperança em uma possível agitação nas águas daquela piscina não era tão grande assim, já que estava há tanto tempo nesse estado desolador.

Na resposta do doente, sua fala sobre a agitação da água é um detalhe que chama a atenção. Os manuscritos mais antigos não são acrescidos pelo texto do final do versículo três e todo o quatro<sup>22</sup>, por considerar estranha a ideia de um anjo se lavar na piscina. Mas a Bíblia de Jerusalém inseriu esses versículos que, embora não sejam de João, estão presentes em vários manuscritos mais tardios, e ajudam a compreender Jo 5,7 que fala da “água agitada”<sup>23</sup>, além de contribuir na judaização do ambiente, que poderia ser um santuário pagão<sup>24</sup>.

Todavia, nota-se, no texto grego, que o termo usado para a agitação da água – *taráссо* – é mais usado no Novo Testamento para se referir a sublevação (alvoroço, tumultos) de grupos de pessoas, assim como indicam as passagens a seguir, que apresentam os termos gregos com a mesma raiz *taráссо*.

[...] assim agitaram (*etáraxan*) a multidão e os politarcas [...] (At 17,8). [...] para lá igualmente se dirigiram, para agitarem (*taráссontes*) e perturbarem a multidão (At 17,13).

Não que haja outro [evangelho], mas há alguns que vos estão perturbando (*taráссontes*) e querendo corromper o Evangelho de Cristo (Gl 1,7).

Não tenhais medo nenhum deles, nem fiqueis conturbados (*taraxhête*) (1Pd 3,14).

Para tratar da agitação, enquanto fenômeno da natureza, o termo mais usado é o verbo *saleuo*: “[...] que foste ver no deserto? Um caniço agitado (*saleuómenon*) pelo vento?” (Mt 11,7).

Esta distinção dos verbos gregos usados para se referir às diferentes formas de agitação conduz a uma conclusão: “a agitação da água, portanto, representa a ilusão do povo oprimido de encontrar remédio em agitações populares. É a armadilha de libertação que nunca chega a realizar-se”<sup>25</sup>. E o paralítico estava preso dentro deste sistema que prometia a cura, mas era incapaz de favorecer quem mais precisava. À beira da piscina era travada uma luta desleal, pois só uma pessoa seria curada, e

22. “[...] ficavam esperando o borbulhar da água. Porque o Anjo do Senhor se lavava, de vez em quando, na piscina e agitava a água; o primeiro, então, que aí entrasse, depois que a água fora agitada, ficava curado, qualquer que fosse a doença” (Jo 5,3-4).

23. “Senhor, não tenho quem me jogue na piscina, quando a água é agitada; ao chegar, outro já desceu antes de mim” (Jo 5,7).

24. SCHNACKENBURG. *El evangelio según San Juan*, p. 131.

25. MATEOS; BARRETO. *O Evangelho de São João*, p. 249.

somente aquela que chegasse primeiro, o mais rápido, com melhores condições de se dirigir até a piscina.

Neste sentido, a pergunta de Jesus “queres ficar curado?” (Jo 5,5) poderia desestabilizar o doente, e propor uma tomada de consciência de sua situação e da cura que lhe era oferecida, pois, diferentemente da proposta da piscina, Jesus se dirige ao mais fraco. Sua lógica não foi exclusivista. Enquanto “a religião popular copiava o esquema de salvação que vale entre os humanos, atribuindo a Deus a mesma injustiça”<sup>26</sup>, Jesus apresenta uma nova compreensão para as primeiras comunidades cristãs e para as atuais. Para o parálítico, e para as comunidades, vale muito saber que a ação de Deus não se equipara com a lógica humana, principalmente quando há injustiça e privilégio para o mais forte, em detrimento do mais fraco.

O doente estava só: “não tenho quem me jogue na piscina quando a água é agitada” (Jo 5,7). É triste quando não há alguém para dar um auxílio em um momento tão conturbado e sofrido. Em Mc 2,1s também há a descrição da cura de um parálítico. Marcos, contudo, acentua a solidariedade: uma multidão estava aglomerada de modo que não havia espaço à porta, mas os amigos do doente abriram o teto e baixaram o leito com o parálítico. Então Jesus, vendo a fé dos quatro homens que carregaram o doente, curou o parálítico (Mc 2,4-5). É como uma catequese afirmando que a solidariedade traz soluções e cria nova vida.

Outro aspecto importante é que a situação desoladora em que se encontrava o enfermo se transforma com a ordem dirigida por Jesus “levanta-te!” Percebe-se o eco do prólogo, pois se trata de um sinal de vida: “O que foi feito por meio dele [Verbo] era a vida, e a vida era a luz dos homens” (1,4).

Cristo é o Verbo (*Lógos*) do Pai, e o dado da Palavra que gera a vida, no evangelho de João, é de elevada importância. No Antigo Testamento a Palavra de Deus (*dabar*) não é personificada, mas é sempre acompanhada de uma ação, gerando o que significa. É o que ocorre no ato da criação: Deus diz, e acontece o que Ele diz (Gn 1,4.6.9.11.14.20.24.27).

Já no evangelho de João a Palavra (*Lógos*) é hipostasiada, ou seja, é o próprio Cristo (1,1), e permanece nela a capacidade de dar a vida. Tudo isso encaminha à seguinte compreensão: o *Lógos* é o agente transformador, e é por meio de Cristo, o Verbo do Pai, que a vida é restituída. Assim, Jesus não toma o parálítico e o joga na piscina para que ele seja curado, mas diz: “levanta-te, toma teu leito e anda” (5,8)!

“Levanta-te”, no contexto do evangelho de João, tem um rico significado, pois em Jo 5,8 levantar é a tradução do grego *egeiro*, que é o mesmo termo empregado quando João se refere à ressurreição de Cristo: “Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ressuscitado (*egertheis*) entre os mortos” (Jo 21,14).

26. FABRIS; MAGGIONI. *Os evangelhos*, p. 328.

Nas cartas do Novo Testamento, *egeiro* é o termo usado para se referir à ressurreição dentre os mortos, o que ajuda a compreender a importância da ordem dada por Jesus ao paralisado “Levanta-te!” (*egeire*). O ato de levantar-se do paralisado representa a experiência de uma nova vida, de ser liberto dos condicionamentos da Lei, pois o próprio Jesus é a ressurreição e a vida (Jo 11,25).

À pergunta de Jesus “queres ficar curado?” (5,6) o enfermo mostra não ter nem mesmo a esperança, está resignado: “Senhor, não tenho quem me jogue na piscina quando a água é agitada” (5,7). Na ordem dada por Jesus ficará claro que não é aquela água que é a essencial para dar a vida ao paralisado, assim como não era suficiente a água do poço de Jacó (Jo 4,13) para a Samaritana. A verdadeira água, que jorra para a vida eterna, é Cristo (Jo 4,14), e somente Ele pode produzir a vida, pois é a Palavra (Verbo) do Pai (Jo 1,1.4).

Em Jo 5,14, quando Jesus reencontra o curado lhe diz: “eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior”. Existe alguma relação entre pecado e doença?

Léon-Dufour afirma que “Jesus não estabelece um laço entre pecado e doença, ele vincula ‘saúde’ e conduta sem pecado”<sup>27</sup>. E a partir da primeira Epístola de João 3,9 – “Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque sua semente [Palavra] permanece nele” – conclui que “o dom de uma vida sadia requer uma conduta justa”<sup>28</sup>.

Ter uma conduta justa significa tomar parte no projeto de Cristo: abandonar a falsa esperança de cura, deixar a Lei, e ser testemunha. Testemunhar a Cristo é que revela o sentido de carregar o leito (Jo 5,8.10). O leito era o símbolo da doença, fragilidade, falta de liberdade para agir, e que mantinha preso o doente. Mas após o encontro com Cristo o homem fica livre e pode carregar o leito. Então ele começa a testemunhar aquele que o curou.

Seu pecado era a adesão àquele sistema religioso que mantinha o povo em suas doenças, ou seja, não buscava inseri-lo e nem libertá-lo<sup>29</sup>. E quando as autoridades usam a lei contra o curado – “é sábado e não te é permitido carregar o leito” (Jo 5,11) – ele mostra que não é mais um observador da Lei, mas que aderiu a Cristo: “Ele respondeu: aquele que me curou, disse: ‘toma teu leito e anda’” (Jo 5,11). Ele foi capaz de superar a barreira que o havia tornado imóvel, inerte e preso a uma falsa ideia de cura.

27. LÉON-DUFOUR, *Leitura do evangelho segundo João*, p. 28.

28. LÉON-DUFOUR, *Leitura do evangelho segundo João*, p. 28.

29. BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João: o caminho da vida*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

## Considerações finais

Analisou-se o terceiro sinal do evangelho de João sob o ponto de vista da superação de uma situação crítica. O enfermo de Betesda se encontrava em um estado de resignação e desesperança, pois tinha uma falsa esperança de cura que era prometida na piscina, cujas águas, às vezes, eram agitadas por um anjo do Senhor.

Além de sofrer com a doença que, por dedução, é compreendida como uma paralisia, o enfermo era marginalizado pela Lei, que não previa sua participação em momentos festivos no Templo, pois quem tivesse alguma deformação não poderia participar de uma assembleia onde os anjos de Deus também estivessem presentes. Estes dados ajudaram a compreender a triste situação do enfermo de Betesda, entendido como símbolo de todas as pessoas que estavam ao redor da piscina, esperando a água ser agitada.

Percebeu-se que a transformação na vida do doente de Bestesda foi marcada por alguns fatores. Primeiramente pelo conhecimento propiciado por Jesus sobre a lenda da piscina, a qual afirmava que o Anjo se banhava e o primeiro que entrasse na água seria curado. A pergunta de Jesus “queres ficar curado” foi importante nesse processo, pois desestabilizou a falsa crença do paralítico.

Outro fator, o mais importante, foi a palavra que Jesus dirigiu ao doente “levanta-te!”, uma vez que contém um profundo significado, pois levantar, do grego *egeiro*, é relacionado à ressurreição, e equivaleria a dizer “toma nova vida”. É destacada esta ordem de Jesus ao paralítico, pois está de acordo com a teologia do *Lógos* joanino, a Palavra que é criadora de vida.

Por fim, foi possível observar que o paralítico que antes estava imóvel e crente de uma falsa esperança de cura, após o encontro com Jesus, consegue dar razão da sua cura, toma o leito que era símbolo de sua escravidão e doença e o carrega, como para dizer que agora tem condições de tomar rédeas de sua vida. Antes era um homem infeliz, agora alguém que pode interagir com o mundo que o cerca.

## Bibliografia

BORTOLINI, J. *Como ler o Evangelho de João: o caminho da vida*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

BROWN, R.E. *El evangelio según Juan*. Madrid: Cristiandad, 1979. V. 1.

DODD, C.H. *A interpretação do quarto evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.

FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os evangelhos*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006 (Coleção bíblica Loyola, v. 2).

JEREMIAS, J. *Jerusalém do tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LÉON-DUFOUR, X. *Leitura do evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996.

MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MCKENZIE, J.L. (org.). *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

SCHELKLE, K.H. *Teologia do Novo Testamento: sua história literária e teológica*. São Paulo: Loyola, 1977. V. 1.

SCHNACKENBURG, R. *El evangelio según San Juan*. Barcelona: Herder, 1980. V. II.

*Rogério Goldoni Silveira*  
Av. Gen. Carlos Cavalcanti, 361 – Uvaranas  
84025-000 Ponta Grossa, PR  
freiRoger@yahoo.com.br